

# Fórum

Vemos também algum abrandamento na adoção da Cloud Pública. Não porque tenha deixado de ser uma solução com valor, mas porque após uma fase inicial de adoção mais acelerada, as empresas se apercebem de algumas dificuldades no movimento para a cloud como são o redesenho das apps para a Cloud, a introdução de novos procedimentos de controlo e governança para controlo de custos e compliance, entre tantos outros. Antecipamos também um crescente dinamismo da cloud privada / on-premise. A tomada de consciência de que a migração para a cloud é mais lenta e cara do que inicialmente antecipado traz associada a conclusão de que muitas aplicações se manterão locais. Após um período em que as empresas pararam de pensar em alterações substanciais aos seus ambientes locais, eis o regresso da velha pergunta “o que é hoje o best in class no que respeita às soluções de cloud on-premise”? Vão ser necessárias novas estratégias, novas arquiteturas e investimentos reforçados nas soluções locais, agora que se verifica que ainda nos acompanharam por muito e bom tempo, e, naturalmente, uma forte capacidade de gestão de uma cloud híbrida para gerir as diversas soluções a orquestrar.



**Gustavo Mendes**  
CEO da GSTEP

Na minha opinião, o ano de 2024 vai ficar marcado i) pela utilização abrangente de Generative AI (e com isso virá uma atenção generalizada ao potencial da Inteligência Artificial nas suas várias aplicações, e.g. descoberta de factores que explicam a previsão de procura de bens e serviços, a previsão de demissões de colaboradores ou quais os preços “dinâmicos” mais adequados), ii) pela nova regulamentação comunitária para o reporte da Sustentabilidade (Environment, Social & Governance), e iii) pela continuidade da migração de soluções e dados para cloud. Relativamente à Generative AI, amplamente

já divulgada, acredito que em 2024 vamos assistir ao nível dos indivíduos a um aumento de produtividade daqueles que utilizarem a tecnologia na execução das suas tarefas, nomeadamente aqueles que precisam de acesso a mais conhecimento (rapidamente preparado para as suas necessidades) ou que precisem de “debater” ideias e gerar conteúdos (que pode ser código para um software, um contrato para um novo negócio, uma ilustração para preparar uma apresentação). Ao nível das organizações, vamos assistir a aumentos de produtividade de departamentos que encontrarem os casos de uso onde pequenas introduções da tecnologia possam gerar ganhos muito relevantes (e.g. análise de documentos e interpretação de conteúdos). Adicionalmente, vai generalizar-se uma vertente da Generative AI, semelhante aos “antivírus”, que servirá para detectar se um determinado conteúdo foi gerado por máquinas ou humanos.

Relativamente ao tema do reporte da Sustentabilidade, com a força das ONG, UN, UE, Governos, activistas e empresas líderes, as alterações climáticas entraram definitivamente nas preocupações e nas agendas dos gestores, com a UE a emitir regulação para um reporte obrigatório para muitas organizações, com a necessidade de angariar e guardar um conjunto abrangente de dados já desde o início de 2024. Assim, várias organizações devem ainda este ano identificar e assegurar a recolha e registo de tais dados para depois, durante o ano de 2024, se prepararem implementando soluções para o efeito, para o reporte obrigatório a partir de 2025.

Por último, vamos assistir alguns dos principais fornecedores de soluções e aplicações de suporte a processos de back office (vulgarmente designados por ERP, HCM, EPM/CPM, CRM, etc.) a forçarem a migração para as suas soluções em cloud, reforçando o End of Life das soluções On Prem. Assim, haverá necessidade de migrações de grandes volumes de dados, bem como haverá oportunidade para repensar arquiteturas de aplicações, de dados, de revisão de processos de negócio e “digitalização” de processos (e eventualmente, reforço da transformação digital de negócios com base em novos modelos).



**José Nunes**  
Administrador da Asseco PST

As perspetivas e tendências para 2024 devem ser vistas em várias frentes. Destaco algumas. Em primeiro lugar, e no capítulo da AI e Generative AI, depois do impacto da primeira onda altamente mediatizada, importa perceber até que ponto irão surpreender e se irão progredir de forma explosiva e evoluir rapidamente. Ou, em alternativa, se teremos um período de menor mediatização e, possivelmente, assistir a uma generalização destes modelos de forma mais discreta e menos perturbante.

Apostaria nesta segunda hipótese. Isto é, numa evolução mais silenciosa (eventualmente, até mais preocupante), com as empresas a perceberem que podem tirar largos benefícios destes modelos, mas tendo o cuidado de não alarmar os seus clientes com cenários apocalípticos de AI.

Outra área que importa acompanhar é a análise de dados e todas as questões relacionadas com a forma como são tratados e como se faz a proteção de dados. É aqui que se colocarão questões como a segregação de indivíduos face a algoritmos de difícil demonstração e controlo humano, a discriminação silenciosa e não intencional com a utilização de cada vez maior poder de computação para avaliar comportamentos e preferências, bem como a utilização de mecanismos de machine learning para perceber qual a melhor forma de induzir ações num indivíduo.

A dificuldade estará sempre em perceber se estes processos são, ou não, eticamente reprováveis. A verdade é que a ética é uma palavra aplicável ao comportamento humano e ainda não transitámos, de forma clara, para algoritmos matemáticos que buscam o resultado mais eficiente.

Existem depois vários outros temas que se manterão em cima da mesa e permanecerão “quentes”, sobretudo numa perspetiva evolutiva. Não serão propriamente novida-